



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Laíza Fuckner Molmelstet

ANITA GARIBALDI

Entre a história e o monumento

Florianópolis

2024

LAÍZA FUCKNER MOLMELSTET

ANITA GARIBALDI

Entre a história e o monumento

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cristina Scheibe Wolff

Florianópolis

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, às catorze horas por videoconferência reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Cristina Scheibe Wolff , Orientadora e Presidente, pela Professora Tamy Amorim da Silva , Titular da Banca, e pela Professora Jaqueline Aparecida Zarbato , Suplente, designadas pela Portaria nº 25/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Laíza Fuckner Molmelstet**, subordinado ao título: **"ANITA GARIBALDI: entre a história e o monumento"**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Cristina Scheibe Wolff a nota final 7,0 e da Professora Tamy Amorim da Silva a nota final 7,0; sendo aprovada com a nota final 7,0. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia dezesseis de agosto de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 9 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.a Cristina Scheibe Wolff



Documento assinado digitalmente

Cristina Scheibe Wolff

Data: 09/08/2024 15:13:36-0300

CPF: ***.459.309-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Tamy Amorim da Silva



Documento assinado digitalmente

TAMY AMORIM DA SILVA

Data: 09/08/2024 15:18:44-0300

CPF: ***.203.949-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Jaqueline Aparecida Zarbato

Candidata Laíza Fuckner Molmelstet



Documento assinado digitalmente

LAIZA FUCKNER MOLMELSTET

Data: 12/08/2024 13:06:59-0300

CPF: ***.834.719-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Este trabalho é dedicado com imensa gratidão à minha família, cujo apoio incansável e presença constante foram alicerces essenciais ao longo da minha jornada acadêmica. Em particular, dedico este esforço à minha mãe e tia, cujo suporte inabalável e orientação sábia moldaram não apenas o meu percurso educacional, mas também o caminho da minha própria realização pessoal. O amor e o apoio de vocês são uma inspiração por trás deste trabalho, e é com profunda gratidão que o dedico a essas figuras extraordinárias que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A expressão de gratidão que permeia essas linhas é um reflexo profundo do apoio e influência que moldaram minha jornada acadêmica e pessoal. Em primeiro lugar, quero dedicar meus mais sinceros agradecimentos à minha mãe, Cátia, uma fonte incansável de conselhos sábios, cujas marmitas cheias de carinho foram mais do que simples refeições, mas gestos de amor que alimentaram não apenas meu corpo, mas também minha alma. Sua paciência e compreensão ao longo desses anos de graduação foram fundamentais, e sua presença constante foi uma luz guia que iluminou meu caminho.

Minha tia Carin, uma inspiração em determinação e foco, merece um reconhecimento especial. Seu exemplo me mostrou que a conquista é possível com perseverança, e sua presença ao meu lado, oferecendo apoio incondicional ao longo de toda a minha trajetória acadêmica e além, é algo que guardarei em meu coração para sempre.

À minha família, que não apenas testemunhou, mas também participou da minha jornada acadêmica, agradeço por seu constante incentivo e força motivadora. Suas palavras de encorajamento foram um impulso crucial que me impeliu a alcançar o objetivo final da graduação.

Um agradecimento especial é dirigido à minha orientadora, Cristina Wolff, que generosamente aceitou conduzir meu trabalho de pesquisa. Sua orientação e experiência foram fundamentais para moldar e aprimorar meu projeto.

Aos professores do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, expresso minha gratidão pela excelência no ensino proporcionado. Cada um de vocês contribuiu para o meu crescimento acadêmico e profissional, transmitindo paixão e conhecimento em cada aula.

Aos meus colegas de classe, em particular à minha amiga Luíza, agradeço por compartilharem suas experiências e vivências. Luíza, minha parceira tanto nos momentos ruins quanto nos bons, sua alegria e bom humor fez com que os dias difíceis fossem mais suportáveis, e por isso, minha gratidão é imensa.

Um agradecimento especial dedico ainda a minha amiga Fatiane, a amizade é uma das relações mais especiais que podemos ter na vida. São os amigos que nos apoiam, nos confortam e que estão ao nosso lado nos melhores e piores momentos. Fati, obrigada por estar presente nesse momento tão importante e por ter passado pelo meu caminho.

Agradeço a Deus e a todos os seres de luz que me guiaram durante todo o projeto, concedendo-me saúde e zelo. Suas presenças foram uma dádiva que permearam cada etapa desta jornada.

Agradeço ainda ao Sr. Adílcio Cadorin e a Sra. Helena, pelas valiosas informações que obtive durante a visita de campo que fiz no Instituto Cultural Anita Garibaldi. Esse encontro não apenas enriqueceu meu entendimento sobre a guerreira republicana Anita Garibaldi, mas também acrescentou camadas mais profundas e contextualizadas à minha pesquisa. Agradeço, portanto, pela contribuição fundamental que o Sr. Cadorin e a Sra. Helena proporcionaram enriquecendo não apenas meu trabalho acadêmico, mas também a minha jornada pessoal em busca de compreensão e apreciação da história.

Por fim, minha gratidão se estende a todos que, de uma forma ou de outra, estiveram envolvidos para a realização deste trabalho. Cada apoio, conselho e palavra de incentivo não passou despercebida, e é com profunda gratidão que reconheço a importância de cada contribuição para o sucesso desta pesquisa acadêmica.

Anita menina da verde Laguna

Mulher farroupilha legaste tua fibra

Fizeste tuas filhas a todas mulheres

A todas mulheres do sul do Brasil

Um filho no braço no outro um fuzil

Anita morena da pele macia

Amante de noite soldado de dia

Um filho no braço no outro um fuzil

Um filho no braço no outro um fuzil

(Cheuiche, Alcy. Anita Garibaldi.
Pastro, Marlene. 6ª Tertúlia Musical
Nativista, 1985).

RESUMO

O presente trabalho busca compreender de que maneira o patrimônio histórico e cultural auxiliou na estruturação da imagem de Anita Garibaldi como heroína nacional, a partir da pesquisa de campo realizada no município de Laguna, Santa Catarina, com foco no monumento dedicado a Anita Garibaldi. A observação ocorreu por meio de visitas ao monumento, presente no centro histórico da cidade, ao museu Anita Garibaldi e ao Museu Casa de Anita, bem como interações com a comunidade local, tendo em vista que o patrimônio está intrinsecamente relacionado à história, à memória, à identidade e à cultura e civilização das comunidades (Le Goff, 19). A metodologia deste trabalho baseia-se numa abordagem qualitativa de pesquisa, centrada na análise documental/monumental. A revisão bibliográfica aborda a construção da narrativa histórica em torno de Anita, com ênfase na representação de gênero e nos silêncios históricos apresentados em diversas fontes. A análise dos dados coletados está centrada na forma interpretativa, buscando identificar padrões, tendências e contradições na representação de Anita Garibaldi. A abordagem teórica inclui conceitos de gênero, memória coletiva, e construção da narrativa histórica. A triangulação de dados provenientes da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo permitiu uma compreensão mais abrangente e crítica da figura de Anita, sua relevância histórica e os usos de sua memória.

Palavras-chave: Anita Garibaldi; Gênero; História nacional; Memória coletiva; Patrimônio histórico e cultural.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Placas de identificação presentes no monumento a Anita Laguna/SC (frente)

FIGURA 2 – Placas de identificação presentes no monumento a Anita Laguna/SC (verso)

FIGURA 3 – Centro histórico Laguna/SC

FIGURA 4 – Centro histórico Laguna/SC

FIGURA 5 – Monumento a Anita Garibaldi Laguna/SC

FIGURA 6 – Monumento a Anita Garibaldi Laguna/SC

FIGURA 7 – Monumento a Anita Garibaldi em Roma.

FIGURA 8 – O Famoso Retrato. *Ritratto di Anita Garibaldi* – Gaetano Gallino.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1. ALESC – Associação Legislativa do Estado de Santa Catarina
2. CULTURANITA – Instituto Cultural Anita Garibaldi
3. IHGSC – Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
4. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
5. SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
6. PRONAC – Programa Nacional de Apoio a Cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PATRIMÔNIO, MONUMENTO, HISTÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA.....	19
2.1	MONUMENTO E MEMÓRIA COLETIVA: O PODER DA PERPETUAÇÃO.....	19
2.2	HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO A ANITA.....	24
2.3	PATRIMÔNIO E IDENTIDADE COLETIVA: O TOMBAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO DE LAGUNA/SC.....	27
2.4	ESTÁTUA DE ANITA GARIBALDI: O DESEMPENHO DO MONUMENTO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA.....	35
3	DESCONSTRUINDO REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO.....	38
3.1	GÊNERO E A HISTÓRIA DE ANITA GARIBALDI.....	38
3.2	A REPRESENTAÇÃO DE ANITA GARIBALDI COMO HEROÍNA.....	43
3.3	ANITA GARIBALDI: ALÉM DA SOMBRA DE GIUSEPPE – UMA PERSPECTIVA FEMINISTA.....	49
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

No palco da história, Ana Maria Jesus Ribeiro, conhecida como Anita Garibaldi, transcende o tempo, deixando um legado marcante na construção da história brasileira. Nascida nas terras do Sul do Brasil, em 30 de agosto de 1821, Anita não apenas testemunhou os tumultuosos eventos de sua época, mas tornou-se protagonista, desafiando convenções e esculpindo a história com sua ousadia.

A heroína ganhou destaque no cenário da história nacional ao se tornar participante ativa da Revolução Farroupilha (1835-1845), um conflito armado que ocorreu no Rio Grande do Sul contra o Governo Imperial. Participou também de movimentos como a Proclamação da República Juliana, que ocorreu em 11 de outubro de 1839, na cidade de Laguna/SC, sua cidade natal. Esta proclamação representou uma tentativa das forças farroupilhas de estabelecer uma república independente, separada do domínio imperial, estendendo o movimento separatista que já havia levado à criação da República Rio-Grandense no Rio Grande do Sul. Sua participação foi notável não apenas pela bravura, mas também pela sua liderança e habilidades estratégicas. Mas foi na Itália, na Revolução de 1848 que tornou-se a “heroína dos dois mundos”, principalmente após sua morte, a partir do seu papel relatado nas memórias de Garibaldi.

Anita representava e defendia sua visão política no comprometimento que desenvolveu com as causas libertárias. Ela participou diretamente de diversas batalhas, entretanto, a representação tradicional da história, predominantemente masculina, muitas vezes tende a colocá-la em segundo plano, descentralizando suas realizações em relação a Giuseppe Garibaldi. Muitas vezes configurando sua imagem em um papel dito “masculino” ou mesmo criando uma "masculinização" de sua história, seja ele representado pelo modo de falar, o modo de agir e até mesmo o modo de se vestir (muitas vezes estava vestida como um soldado).

Sua bravura foi destacada pela historiografia e relatos em diversos episódios, tornando-se uma figura destacada entre os combatentes farroupilhas e sua participação ativa no campo de batalha desafiava as normas de gênero da época.

Nos demais combatentes, que viram-na tão decidida e corajosa, mesmo após ser atingida por uma bala de canhão, o ânimo retornou. O exemplo nobre, o heroico gesto de uma mulher, despertou-lhes novamente a coragem. Readquiriram o ânimo, empunharam suas armas e voltaram a guerrear com tamanha força de vontade e disposição, que os imperiais, que preparavam a abordagem, retrocederam. O dia findava. (Cadorin, 2020, p.101).

O autor refere-se ao confronto a bordo do navio Seival, contra os imperiais¹. Segundo os relatos, Anita se fez mais valente que os marujos em combate, não saindo da frente de combate, ela acaba sendo atingida por uma bala de canhão, mas ao recuperar a consciência retorna ao porão para reprimir os marinheiros acovardados pelas tropas imperiais. A coragem da jovem teria tido o efeito de efervescer novamente o sentimento de revolução nos companheiros, que para sua surpresa, foram vitoriosos na batalha naval contra os imperiais, que se retiraram do combate. Possivelmente, a exaltação da coragem de Anita tem relação com o gênero, pois normalmente não se espera das mulheres a mesma coragem do que os homens, assim sua coragem, de certa forma, surpreende. (FUCHS e GOMES, 2021).

Além de sua atuação no Brasil, Anita acompanhou Garibaldi em sua participação na Revolução Italiana de 1848. Sua presença em eventos políticos e militares na Europa demonstra sua dedicação às lutas pela liberdade em diferentes contextos. A história da Guerreira Republicana está marcada por sua contribuição para os movimentos revolucionários. Seu legado perdura até a atualidade, e ela é reconhecida como uma heroína em diversos contextos históricos. O nome de Anita é associado à coragem, paixão e resistência.

A representação de Anita como sujeito singular, responsável por sua própria história, é crucial para formularmos a construção de sua narrativa histórica. Sua figura desafia os estereótipos de gênero, bem como o papel do feminino e do masculino na sociedade da época (o homem, ser masculino, “trabalha” ou luta por seus ideais, enquanto a mulher, ser feminino, se encarrega da criação de filhos e cuidados com a casa e o marido) e destaca a importância das mulheres nas lutas pela independência e justiça social.

Na narrativa histórica da guerreira, Anita é retratada em livros e textos a partir de uma ótica masculina. Ela é frequentemente descrita como uma mulher apaixonada e profundamente devota ao seu amado, disposta a segui-lo por onde quer que fosse. Essa representação, vista a partir de uma perspectiva masculina, que ressalta a mulher pelo papel de esposa, é destacada

¹ Batalha ocorrida junto ao Arroio Seival no município de Bagé RS. A batalha ficou com o mesmo nome do arroio e aconteceu em 10 de setembro de 1836 onde o Coronel Farroupilha Antonio de Souza Neto venceu João da Silva Tavares que era Imperialista. Essa vitória consolidou a Proclamação da República Rio Grandense. Disponível em: [Seival – o barco emblemático na história das Repúblicas Rio-grandense e Catarinense e de Giuseppe e Anita Garibaldi – Instituto CulturAnita](#)

por exemplo, em algumas palavras de Adílzio Cadorin no livro *Anita Guerreira das Repúblicas e da Liberdade*.

Foi neste dia, cuja data exata não se conhece, mas deduz-se tenha sido na primeira quinzena de agosto de 1839, que o comandante de marinha Giuseppe Garibaldi “descobriu” na Barra da Laguna, onde hoje é um bairro conhecido como Ponta da Barra, o amor de sua vida, a lagunense Ana Maria de Jesus Ribeiro, cujas convicções, atos de bravura e fidelidade a um grande amor a tornariam ilustre no mundo inteiro como Anita Garibaldi, a Heroína de Dois Mundos. (Cadorin, 2020, p. 83).

Ou ainda como destaca Gonzaga (2017) a respeito do tombamento do centro histórico de Laguna: “[...] sede da República Juliana, e também como berço de Anita Garibaldi, prova viva da estada de José Garibaldi pelo Brasil.” Remetendo não só a cidade como a própria Anita, apenas à memória de Giuseppe. Giuseppe Garibaldi, o revolucionário italiano, teve um papel significativo na vida de Anita, entretanto sua história vai além de ser apenas a esposa de Garibaldi.

Para elucidar a respeito dessa construção da narrativa da história de Anita através do amor e devoção a Garibaldi, Antônio Manoel Elíbio Junior nos esclarece por meio da análise de *Mulheres Ilustres* (1899) escrito por D. Ignez Sabino que:

Os valores normativos no texto destacam a "mãe terna, esposa devotada, amiga das suas amigas, esplendor das virtudes, mártir, a qual soube pairar simplesmente a sua soberania no grandioso papel da mulher que fez do seu coração a sua espada de combate". A autora valorizava assim os papéis de esposa e mãe, irradiadoras de ternura e protetoras dos pobres, tendo estes valores como principais referências da honra familiar. No início da República no Brasil e em plena invenção para os antecedentes do novo regime implantado pelo General Deodoro da Fonseca, há um lugar para a melhor cidadã, há um destaque irrecusável para a heroína republicana que canaliza muitos dos valores pretendidos pela recente república. Para a autora o amor de Anita com Giuseppe Garibaldi é o elo que eleva ao sublime a heroína catarinense, a torna uma mulher ilustre. (Elíbio Junior, 2000, p. 20).

Essa perspectiva reflete uma romantização na história da guerreira, influenciando diretamente na memória coletiva, ou no senso comum, de que Anita viveu em função das façanhas de Garibaldi, valorizando a história dela em papéis de esposa e mãe, por vezes esquecendo-se das realizações em combate. Enquanto a figura de Giuseppe é retratada na história como um revolucionário, quantos de nós não conhecemos a figura de Anita como “a esposa de Garibaldi”?.

A narrativa que molda a história dessa heroína é, em grande parte, uma construção masculina, resultado do contexto histórico em que ela viveu, meados do século XIX, onde o Brasil era governado por um regime monarquista e a sociedade era moldada pelas relações de poder. Além disso, quem escrevia a história naquela época em sua quase totalidade eram homens, brancos e ricos, ou seja, uma história escrita de cima para baixo², na qual a produção literária escrita por mulheres (e para mulheres) era escassa, criando a paradoxal representação de uma mulher forte não tanto por suas próprias realizações, mas por seu papel de esposa e mãe devotada.

A relevância da presença feminina em movimentos revolucionários históricos é um tema que requer constante ênfase, especialmente em uma sociedade com estruturas culturais e sociais patriarcais, como a brasileira. Muitas outras mulheres participaram dos conflitos armados no Brasil oitocentista, mas sua memória é quase sempre esquecida e apagada pela historiografia. (WOLFF, 2012).

Neste sentido, exploraremos como a representação de Anita Garibaldi, moldada predominantemente por uma narrativa masculina, tem impactos significativos na percepção da sua imagem de mulher de força e convicção. Ainda em consonância com a perspectiva de Elíbio Junior (2000), é crucial esclarecer quem exerceu o controle sobre a seleção do que deveria ser divulgado sobre a vida de Anita. Devemos considerar o contexto em que essa narrativa foi escrita e, igualmente importante, como, mesmo nos dias de hoje, a sociedade continua a fazer escolhas em relação ao que é preservado na memória da guerreira.

Neste sentido é necessário entender a produção das representações, a eficácia dos enunciados, entender como obtiveram êxito no estabelecimento de um imaginário, bem como seus modos de difusão. Revelou-se na atualidade interesses políticos como no caso da repatriação dos restos mortais de Anita Garibaldi, localizado na Itália, proposta do Deputado Federal Paulo Bomhausen, candidato a uma cadeira da Assembléia Legislativa Estadual nas eleições em 1998; do Advogado Adílcio Cadorin, líder do movimento separatista “O Sul é o meu País” e igualmente candidato a deputado estadual e de Antônio Carlos Marega, arquivista na cidade de Laguna,

² A expressão "de cima para baixo" refere-se a uma abordagem ou estrutura que envolve a distribuição de poder, autoridade, influência ou decisões de um nível superior para níveis inferiores em uma hierarquia. Em uma perspectiva histórica, "de cima para baixo" descreve como as políticas, regras e diretrizes são muitas vezes formuladas e renovadas por autoridades governamentais ou institucionais e, em seguida, aplicadas às pessoas que estão sujeitas a essas decisões. Um exemplo dessa história é retratado por Trouillot em seus escritos sobre a história da França (TROUILLOT, Michel Roph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016. 263p.). Nos tempos modernos, escolher uma escrita em direção a abordagens mais inclusivas e democráticas, onde a sociedade desempenha um papel maior na tomada de decisões e na formação de políticas, buscando reduzir a situação "de cima para baixo" em favor de uma maior participação e controle popular é essencial.

corroborada com o envolvimento de instituições como Lojas Maçônicas, Rotary Club de Laguna, Lyons Club de Laguna, Universidade do Sul de Santa Catarina e Câmara Municipal. (Elíbio Junior, 2000, p. 11).

Sobre a narrativa histórica Trouillot afirma que “De fato, a narrativa histórica na qual se insere um evento efetivo poderia preceder o próprio evento, ao menos em teoria, mas talvez também na prática” (2016, p. 56). Essa “visão ampliada” segundo o autor permite generalizações sobre a produção da narrativa histórica “se pudermos concordar que tais generalizações apuram nosso conhecimento de práticas específicas, mas não oferecem roteiros que a prática supostamente seguirá ou ilustrará.” (2016, p. 57). O autor ainda nos diz que as narrativas históricas são formadas por conjuntos específicos de silêncios e que o processo singular para desconstruir esses silêncios varia de acordo com os mesmos.

Silêncios ingressam no processo de produção histórica em quatro momentos cruciais: no momento da criação do fato (na elaboração das fontes); no momento da composição do fato (na elaboração dos arquivos); no momento da recuperação do fato (na elaboração das narrativas); e no momento da significância retroativa (na elaboração da história em última instância). (Trouillot, 2016, p. 57).

Ao explorar a vida de Ana Maria Jesus Ribeiro, deparamo-nos com notáveis silêncios históricos. Ao adentrarmos no campo da narrativa histórica, deparamo-nos também com a ambiguidade intrínseca à história, conforme Le Goff destaca. O termo 'história' nas línguas românicas carrega múltiplos significados, desde a busca científica das ações humanas até a narrativa, seja ela verídica ou imaginária. A distinção entre 'história' e 'story' no inglês evita certas confusões, enquanto outras línguas europeias buscam evitar essa ambiguidade (Le Goff, 1990, p.18).

Essa falta de precisão nos permite mais de uma interpretação sobre determinado fato ou acontecimento, com isso, ao analisarmos a construção da história de Anita, uma heroína nacional, requer compreendermos os silêncios históricos presentes na narrativa. A pesquisa questiona o controle sobre a narrativa, analisando como Anita foi retratada como coadjuvante, centrando-se no contexto patriarcal do século XIX.

Le Goff também ressalta que devemos viver e refletir com essas incertezas na história, sem confundir a ciência histórica com a filosofia da história (Le Goff, 1990, p.20). Essa ambiguidade permite diferentes interpretações sobre fatos históricos, no que diz respeito à

trajetória de Anita, exige que consideremos o contexto, as relações de poder e quem detinha o controle sobre a escrita da história na época.

Tendo por base essa variedade de interpretações possíveis podemos nos questionar sobre o papel do patrimônio na história, como ele constrói e divulga uma história? Quem define o que é patrimônio e o que deve ser preservado? Segundo Trouillot, “A história sempre é produzida num contexto histórico específico. Os atores históricos também são narradores, e vice-versa.” (2016, p.52).

Por isso temos como um objetivo principal analisar a construção da narrativa histórica e a representação de Anita Garibaldi, destacando como os estereótipos de gênero e a predominância de uma perspectiva masculina influenciaram a percepção de sua imagem e contribuições, ao longo do tempo.

Alguns outros objetivos que podemos destacar: Investigar como a memória coletiva sobre Anita Garibaldi foi moldada através do patrimônio cultural, com ênfase no monumento em sua homenagem localizado em Laguna, Santa Catarina. Discutir as implicações do patrimônio cultural na perpetuação da memória e na formação da identidade nacional, bem como o potencial desse patrimônio para promover uma compreensão mais profunda da história e cultura brasileira.

Analisar a influência dos estereótipos de gênero na construção da identidade de Anita Garibaldi e sua representação como heroína nacional, considerando as implicações dessa construção na memória coletiva e na valorização do papel feminino em movimentos revolucionários.

Esses objetivos estão estruturados para guiar uma análise crítica e aprofundada da representação histórica de Anita Garibaldi, destacando a importância de uma abordagem que reconheça a complexidade de sua figura e o impacto das construções sociais de gênero na sua narrativa.

Com isso cabe destacar alguns pontos que se fazem importantes para essa pesquisa. A relação entre o patrimônio histórico e cultural; a figura de Anita Garibaldi como heroína nacional e a luta por sua representação adequada na memória coletiva são relevantes primeiro pela valorização da história negligenciada, Anita Garibaldi desempenhou um papel importante

na história do Brasil, mas sua contribuição muitas vezes foi negligenciada em comparação com seu marido, como visto acima.

Em segundo lugar destacamos a importância do patrimônio histórico e cultural e da identidade nacional. O trabalho tem como fonte o estudo do monumento a Anita Garibaldi, localizado em Laguna, Santa Catarina, demonstrando como o patrimônio cultural desempenha um papel fundamental na construção da identidade nacional. O monumento é uma expressão tangível da história e da memória de um local e da nação como um todo. Além disso, a pesquisa pode fornecer informações valiosas sobre como o patrimônio histórico e cultural perpetua a memória, podendo ser utilizado como recurso educacional para promover uma compreensão mais profunda da história e da cultura, bem como inspirar as novas gerações.

Terceiro, e potencialmente mais importante, pela desconstrução de estereótipos de gênero, o projeto examina como a imagem de Anita foi construída ao longo do tempo e como os estereótipos de gênero influenciaram sua representação na história. Isso é relevante para discutir assuntos como a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres na história e na sociedade.

Alguns outros motivos se fazem importantes ressaltar também, como a relevância para o turismo cultural, entendendo como o patrimônio contribui para a construção da memória coletiva o que pode ter implicações importantes no turismo cultural. O monumento a Anita Garibaldi, juntamente com o Museu Casa de Anita e outras referências na cidade de Laguna, por exemplo, podem atrair visitantes interessados em sua história e legado, de todas as partes do mundo.

Ou ainda a conexão entre passado-presente-futuro, ressaltando a importância do patrimônio na construção de pontes entre o passado, o presente e o futuro. A história presente no monumento demonstra que a maneira como registramos e interpretamos o passado influencia nossas ações no presente e nossas perspectivas para o futuro.

Em resumo, o trabalho se faz relevante por sua contribuição para a compreensão da memória coletiva, para a promoção da igualdade de gênero, para a valorização do patrimônio cultural e para o enriquecimento da narrativa histórica nacional. Além disso, ela tem implicações práticas no campo da educação, do turismo cultural e da preservação do patrimônio.

A pesquisa está estruturada em dois capítulos. O primeiro capítulo: Patrimônio Monumento e Memória Coletiva explora questões sobre como se perpetua uma memória no imaginário coletivo de uma sociedade, através do patrimônio e do monumento; qual a importância do patrimônio histórico e como isso interfere no reconhecimento das pessoas acerca de determinado assunto e como o monumento é uma fonte importantíssima para a história de um acontecimento. Esta análise é essencial para compreender como o monumento desempenha um papel significativo na preservação da memória coletiva e na perpetuação das narrativas históricas. Examinaremos o tombamento do centro histórico de Laguna como patrimônio histórico e cultural, com ênfase na construção do monumento a Anita Garibaldi.

Conforme comentou Le Goff, "Os monumentos têm a característica de se ligarem ao poder de perpetuação, voluntário ou involuntário, das histórias, oferecidos como um legado à memória coletiva e referindo-nos a testemunhos, muitos dos quais não estão registrados por escrito" (1990, p.537).

O segundo capítulo se intitula Desconstruindo Representações de Gênero. O segundo capítulo tem como objetivo desconstruir uma narrativa histórica que frequentemente tende a masculinizar as representações da guerreira, no caso Anita Garibaldi. Neste contexto, utilizaremos a obra de Teresa de Lauretis, "A tecnologia do gênero" (1987), para melhor compreender as construções culturais de feminino e masculino. Destacaremos como essas construções são interdependentes e complementares, revelando que a noção de gênero está intrinsecamente ligada a valores e posições sociais que são influenciadas por fatores políticos e econômicos.

Neste capítulo, investigaremos como a atribuição de valor a bens, objetos e processos produz novos significados no contexto em que ocorrem. Exploraremos como essa atribuição de valor influencia novas interpretações sobre a história e a memória coletiva, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que moldam o patrimônio e a identidade coletiva.

Almejamos que essa pesquisa possa contribuir não apenas como um relato histórico da vida de Anita sob uma perspectiva feminina, mas que também inspire os leitores a questionar como a história é construída, os motivos por trás dessa construção e o público a quem ela se destina.

2. PATRIMÔNIO, MONUMENTO, HISTÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA.

2.1 MONUMENTO E MEMÓRIA COLETIVA: O PODER DA PERPETUAÇÃO

Ao abordarmos o assunto memória, Le Goff (1990) nos aponta dois materiais de estudo, “*os monumentos* herança do passado, e *os documentos* escolha do historiador”. Reforçando que a memória coletiva que criamos sobre determinado acontecimento não é de fato o que existiu no passado e sim uma escolha, feita por quem seleciona os materiais de estudo (nesse caso o historiador) e o que deve ou não ser preservado.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (Le Goff, 1990, p.365)

Ainda sobre memória, o autor aponta que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (Le Goff, 1990, p.423).

Gonzaga (2017), ao se pronunciar sobre o assunto, fala que quando se aborda o tema da memória, muitas vezes estamos explorando um aspecto pessoal. No entanto, é essencial considerar que a memória também possui uma dimensão coletiva, em que experiências pessoais são entrelaçadas com a experiência compartilhada por personagens e comunidades, resultando na reconstituição da memória. É crucial lembrar que a memória não é estática, mas sim um processo em constante evolução de seleção, reorganização e continuidade. Portanto, a memória individual deve ser distinta da memória coletiva, embora, ao mesmo tempo, esteja intrinsecamente conectada a ela.

Ao pronunciarmos o assunto memória, remetemo-nos a algo muito profundo e individual. No entanto, a memória deve ser entendida também como algo coletivo, fatos vividos individualmente, e socialmente, por personagens e pessoas as quais a memória é reconstituída.

Monumentos desempenham um papel significativo na preservação da memória coletiva e no poder de perpetuar narrativas e significados ao longo do tempo. A relação entre

monumentos, memória coletiva e poder de perpetuação é complexa e influencia profundamente a maneira como uma sociedade percebe seu passado e presente.

Monumentos são frequentemente erigidos para preservar a história de uma comunidade, nação ou cultura. Eles servem como testemunhas silenciosas de eventos passados e garantem que esses eventos sejam lembrados ao longo do tempo, ao fazer isso, resumos para a construção da memória coletiva, desempenham um papel fundamental na construção da identidade nacional e cultural. Eles ajudam a moldar a maneira como uma sociedade se vê, transmitindo valores, narrativas e símbolos que representam o orgulho, a história e a herança de um grupo de pessoas.

Os monumentos têm o poder de perpetuar narrativas específicas sobre eventos e figuras históricas. Eles podem glorificar heróis nacionais, comemorar vitórias militares, ou, alternativamente, lembrar tragédias e injustiças.

Entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida a Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em tomo da memória comum. (Le Goff, 1990, p.465-466).

A maneira como um monumento é concebido e apresentado pode influenciar a interpretação da história e moldar a memória coletiva. Aqueles que detém o poder, muitas vezes têm a capacidade de determinar quais eventos ou figuras são comemorados em monumentos e como eles são representados. Isso pode levar a uma visão seletiva da história que reflete os interesses e as perspectivas dos detentores do poder.

Podem servir também como locais de diálogo e reflexão. Eles convidam as pessoas a considerar o passado, a aprender com ele e a discutir como as lições do passado se aplicam ao presente e ao futuro. Têm o poder de evocar emoções fortes, lembranças e reflexões. Eles podem ser locais de homenagem, de luto, de celebração e de rememoração, onde as pessoas se conectam com a memória coletiva de maneiras emocionais e pessoais.

Monumentos também podem ser usados como ferramentas de resistência e subversão. Movimentos sociais e grupos marginalizados muitas vezes usam monumentos para recontar a

história de maneira que desafiam narrativas dominantes e promovem uma compreensão mais equitativa da memória coletiva. Como nos aponta Le Goff:

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (Le Goff, 1990, p...)

Para Le Goff, os monumentos não são simples estruturas físicas; eles desempenham um papel crucial na transmissão de narrativas históricas, muitas vezes participando como testemunhas silenciosas de eventos passados. Em suas palavras, "Os monumentos têm a característica de se ligarem ao poder de perpetuação, voluntário ou involuntário, das histórias, oferecidos como um legado à memória coletiva e referindo-nos a testemunhos, muitos dos quais não estão registrados por escrito" (LE GOFF, 1990, pág. 537).

O monumento, nesse contexto, não é apenas uma representação física, mas uma construção simbólica que molda a percepção da história. Ele influencia a memória coletiva ao destacar certos eventos, personagens ou ideias, enquanto silencia outros. Le Goff ressalta a importância de questionar quem detém o poder de decidir o que deve ser preservado na memória e como essas escolhas envolvem a compreensão da história.

A relação entre monumento e memória, segundo Le Goff, também envolve uma dimensão emocional e sensorial. Os monumentos têm o poder de evocar emoções e criar uma conexão visceral com o passado. Eles servem como pontos de encontro entre o presente e o passado, oferecendo uma experiência tangível que transcende o mero relato histórico.

No caso específico de Anita Garibaldi, o monumento em Laguna, Santa Catarina, torna-se uma manifestação concreta da tentativa de destacar o papel da cidade na Revolução Farroupilha através da relevância de Anita Garibaldi no movimento, uma mulher que ali vivia, e que se tornou protagonista, uma "heroína". A análise desse monumento à luz das ideias de Le Goff permite explorar como a construção do patrimônio contribui para a construção da identidade nacional, ou no caso, municipal, e como as escolhas feitas nesse processo impactam a narrativa histórica.

Em resumo, a abordagem de Le Goff sobre monumento e memória destaca a importância dessas construções específicas na preservação e transmissão da história. Ao questionar a atribuição de valor e a seleção de monumentos, podemos compreender melhor como a memória coletiva é moldada e como os monumentos se tornam pontos de ancoragem para a identidade cultural de uma sociedade.

Pierre Nora, em seu seminal texto "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares" (1984), discute a complexa relação entre memória e história, conceitos que, embora intimamente ligados, possuem distinções fundamentais que influenciam a compreensão do passado e a construção da identidade cultural. Nora propõe que, na era contemporânea, vivemos uma crescente "era da memória," na qual os lugares de memória (les lieux de mémoire) se tornaram essenciais para a preservação do que antes era transmitido pela tradição oral e pelas práticas sociais.

No decorrer do texto, Nora argumenta que a memória, entendida como um fenômeno vivido e transmitido coletivamente, difere da história, que se apresenta como uma reconstrução intelectual e crítica do passado. Enquanto a memória é algo vivo, fluido e diretamente ligado ao presente, a história se caracteriza pela sua natureza mais objetiva e distanciada. Nora sugere que a memória é naturalmente seletiva, moldada por sentimentos, lembranças e esquecimento, ao passo que a história busca uma análise mais racional e sistemática dos eventos passados.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p.9)

Nora ainda discute a transformação dos "meios milieux de mémoire," ambientes de memória, em "lugares de memória," que surgem como uma resposta à ruptura entre memória e

história. Ele identifica que, com o advento da modernidade, a sociedade começou a depender desses lugares (que podem ser monumentos, arquivos, celebrações, textos, entre outros) para manter viva a memória coletiva, uma vez que as formas tradicionais de transmissão de memória se enfraqueceram.

É antes de tudo, uma memória, diferente da outra, arquivística. Ela se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem. O movimento que começou com a escrita termina na alta fidelidade e na fita magnética. Menos a memória é vivida no interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através dela. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. (NORA, 1993, p.14)

A "problemática dos lugares de memória," segundo Nora, está relacionada ao fato de que, ao serem institucionalizados, esses lugares podem fixar e congelar a memória, transformando-a em algo rígido e imutável, em contraste com a natureza dinâmica da memória viva. Isso levanta questões sobre a autenticidade e a representação do passado, e sobre quem controla a narrativa histórica.

Nesse viés também é importante trazer o conceito de monumento e memória coletiva, apontado por Gonzaga, (2017). Monumentos são construções físicas, como estátuas, memoriais, edifícios e marcos, que têm o propósito de comemorar e lembrar eventos, pessoas ou ideias de importância histórica, cultural ou social. A memória coletiva, por outro lado, refere-se à forma como grupos de pessoas unidas preservam memórias de eventos passados e experiências culturais. "Há influência da memória na formação de identidade e também no que se entende por patrimônio" (Gonzaga,2017 p.99).

Para Nora, o estudo dos lugares de memória é essencial para compreender como as sociedades contemporâneas lidam com o passado e constroem suas identidades. Ele sugere que, em uma época em que a história é cada vez mais fragmentada e a memória, mais individualizada, os lugares de memória se tornam os principais mediadores entre o passado e o presente, proporcionando uma ligação tangível com o que foi, mas também moldando as formas como esse passado é entendido e valorizado no presente.

Em suma, o texto de Pierre Nora apresenta uma análise profunda e crítica da relação entre memória e história, destacando a importância dos lugares de memória na preservação da identidade cultural em um mundo onde a memória coletiva não pode mais ser garantida pelas práticas tradicionais. A reflexão de Nora oferece uma importante contribuição para os estudos

históricos e culturais, incentivando uma abordagem mais cuidadosa e consciente na preservação e interpretação do passado.

2.2 HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO A ANITA

O processo de construção geralmente começa com a concepção do conceito do monumento e, qual história se quer contar através dele. Esse estágio pode envolver a colaboração de arquitetos, escultores e outros profissionais criativos para desenvolver um projeto que represente aprimorar a figura homenageada. Após a definição do projeto, é necessário um planejamento detalhado, incluindo considerações orçamentárias e a obtenção de licenças e aprovações controladas pelas autoridades locais. O licenciamento pode envolver avaliações de impacto ambiental, considerando a localização e o entorno.

A construção de monumentos muitas vezes requer financiamento significativo. Isso pode ser obtido por meio de parcerias público-privadas, doações, patrocínios corporativos ou recursos do governo. A fase de construção envolve a implementação do projeto. Isso inclui trabalhos de engenharia civil para criar a estrutura base, instalação de fundações, erigir as esculturas e elementos artísticos planejados, entre outras atividades de construção.

Esculturas, placas, inscrições ou outros elementos artísticos são incorporados à estrutura conforme o projeto original. Esses elementos são específicos para transmitir a mensagem desejada sobre a figura homenageada. Como podemos observar nas imagens que virão a seguir do monumento a Anita.

Vale ressaltar aqui, como a construção de algo tão significativo como um monumento homenageando um feito ou alguém, além de promover o turismo histórico e cultural da região, trazendo benefícios econômicos e reforçando o orgulho local, mobiliza questões políticas importantes.

Um exemplo de política envolvida na construção do monumento pode ser observado nas placas de identificação (Figuras 1 e 2) presentes no monumento a Anita em Laguna/SC. figura 1: “Laguna e o Brasil referenciam atos heroicos marcados pela bravura nos 150 anos de sua morte. Itália 4 de agosto de 1949 e Laguna 4 de agosto de 1999. João Gualberto Pereira.”

A figura 2 mostra duas placas uma que referencia o nascimento de Anita assim escrita: “Laguna reverencia os 200 anos de nascimento de sua filha ilustre Anita Garibaldi a Heroína

da República de Dois mundos. (1821 a 2021).” Assinada por Samir Ahmad prefeito da época e pela Fundação Laguneira de Cultura. A placa menor destaca apenas o nome do governador Celso Ramos e da Comissão Executiva do governo em vinte de setembro de 1984.



FIGURAS 1 e 2 – Placas de identificação presentes no monumento a Anita Laguna/SC
Fonte: Arquivo Pessoal

Notamos, portanto, que as placas fornecem informações sobre o legado de Anita, mas também e não menos notório os nomes dos políticos envolvidos. A construção de um monumento pode gerar questões políticas importantes como: o custo da construção do monumento, que pode ser significativo e levar a debates sobre como os recursos públicos são alocados; A construção de monumentos pode estar alinhada com a ideologia política dominante ou com a visão de uma administração específica, e isso pode influenciar a percepção pública sobre o monumento e suas implicações. Em resumo, a construção de um monumento pode levantar questões significativas e complexas que envolvem decisões sobre quem e o que deve ser lembrado, como o passado é interpretado e apresentado, e como os recursos e prioridades são geridos em uma sociedade.

Apresentadas essas informações, falaremos um pouco sobre a história da construção do monumento a Anita. Vale ressaltar que a bibliografia a respeito dessa construção ainda é

bastante escassa, e para a pesquisa desta parte do trabalho tive a honra de contar com a instrução e referências do historiador Adilcio Cadornin³.

Foi o deputado federal Dr. Afonso Vanderley Junior, que em 1956, apresentou o projeto de Lei número 935, que foi transformado na Lei nº 3.098 de 24/02/1957⁴ para abrir um crédito especial de Cr\$ 1.000.000,00 no Orçamento da União destinado à construção do monumento.

A obra foi confiada ao escultor Antônio Caringi, por meio de um concurso público⁵. Caringi é considerado o maior estatuário da história da arte no Rio Grande do Sul, conhecido por monumentos como o Laçador, em Porto Alegre. O monumento foi inaugurado solenemente em Laguna, em 20 de setembro de 1964, perpetuando a imagem da Heroína em uma postura de guerreira, conclamando à luta pela libertação de sua terra.

Além disso, o monumento remete a identificação com a Revolução Farroupilha ao celebrar a participação da heroína nesse movimento, Laguna preserva e valoriza seu patrimônio histórico, tornando-se um destino atrativo para turistas, historiadores e entusiastas da história brasileira. Assim, essa identificação não só enriquece a memória histórica da cidade, mas também serve como um motor para o desenvolvimento econômico e cultural.

Essa revolução, ocorrida entre 1835 e 1845, foi uma das mais longas e significativas rebeliões da história do Brasil, e Laguna desempenhou um papel crucial durante esse período. Giuseppe e Anita Garibaldi, sua companheira, estiveram em Laguna, onde proclamaram a República Juliana em 1839. Essa conexão histórica fortalece a identidade cultural da cidade, destacando seu papel na luta pela liberdade e justiça, valores centrais da Revolução Farroupilha.

Outro ponto importante que podemos destacar da construção desse monumento é a transformação da imagem de Anita Garibaldi, de uma mulher considerada “perdida” por “abandonar” seu marido para seguir Giuseppe Garibaldi, em uma heroína, é um reflexo das mudanças nos valores e perspectivas sociais ao longo do tempo. Originalmente, Anita poderia ter sido vista de forma negativa por desafiar as normas sociais de sua época. No entanto, com a revisão histórica e cultural, sua imagem foi reavaliada. Anita é agora reconhecida por sua

³ Natural de Urussanga, Adilcio é um advogado, político, e historiador catarinense. Como historiador, especializou-se na vida de Anita Garibaldi, sendo fundador do CulturAnita – Instituto Cultural Anita Garibaldi. Onde tive a honra de conhecer e conversar sobre nossa guerreira em visita de campo.

⁴ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/573320>

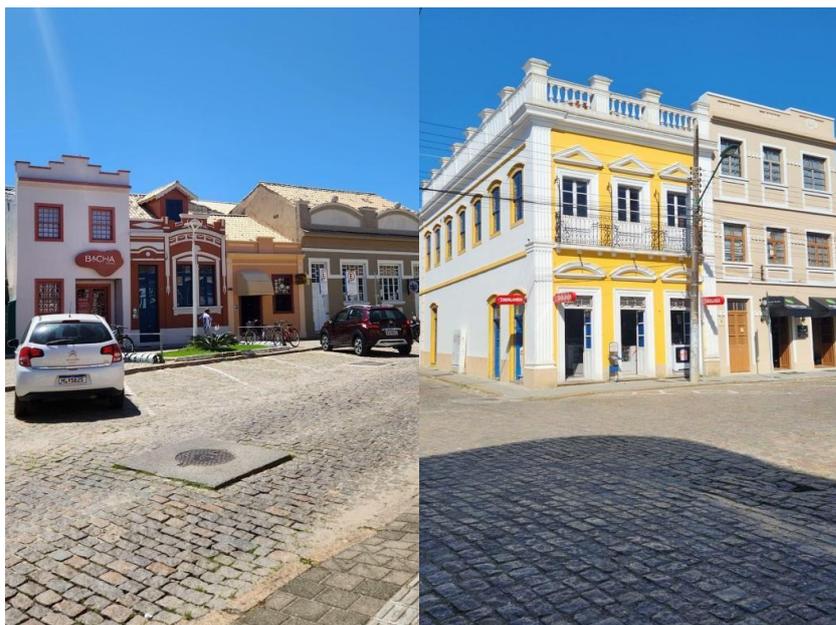
⁵ Disponível em: <https://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo24>

coragem, determinação e papel ativo na luta pela liberdade, características que a tornam uma figura admirada e respeitada.

O empoderamento feminino também desempenha um papel crucial nessa transformação. Anita é vista como um símbolo de força e independência, inspirando mulheres a reconhecerem e valorizarem suas próprias capacidades e contribuições. Sua história, marcada por bravura, é frequentemente romantizada por representações da mulher apaixonada e mãe, reforçando seu status de heroína por atributos considerados naturais a figura do feminino e não pela sua coragem e determinação. Além disso, a influência italiana, onde Giuseppe e Anita são celebrados como heróis nacionais, contribuiu para essa reavaliação positiva de Anita no Brasil.

Em resumo, os monumentos são agentes poderosos na construção e perpetuação da memória coletiva. Eles moldam a forma como uma sociedade se relaciona com seu passado e influenciam a narrativa que é transmitida às gerações futuras. No entanto, é importante reconhecer que os monumentos nem sempre refletem uma perspectiva única, e o seu significado pode ser contestado e reinterpretado ao longo do tempo, à medida que a sociedade evolui e novas vozes e perspectivas emergem.

2.3 PATRIMÔNIO E IDENTIDADE COLETIVA: O TOMBAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO DE LAGUNA/SC



FIGURAS 3 e 4 – Centro histórico Laguna/SC
FONTE: Arquivo Pessoal

Para a discussão acerca do tombamento do centro histórico de Laguna, utilizou-se o artigo de João Bitencourt, *Realidade sintética: História, patrimônio e memória na artesanaria de uma identidade urbana* (2011). O autor aborda em seu texto uma visão a respeito da comercialização de Laguna como uma “capital histórica”, tornando-a um polo turístico da região sul, projeto político articulado também para o futuro da cidade.

Atualmente a tradição de cidade histórica, sustentada em toda a rede simbólica e discursiva que lhe faz presente e visível, cobre a cidade de Laguna com uma imagem de “polo turístico”. Seu passado é material de extrema importância nesse projeto para a cidade, mesmo suas autoridades não querendo reconhecer o atributo de mercadoria dado a sua história nesta conjuntura, pois a história oficializada está ligada ao respeito à tradição, com uma forte crença no resgate do passado como realmente foi, mas acabam por reconhecer que a “condição histórica” lagunense, enquanto patrimônio cultural, pode ser um “produto de interesse turístico”. Isto é, a proposta de futuro utilizando esta própria tradição.” (BITENCOURT, 2011, p. 109-110).

Para essa análise Bitencourt trabalha os diversos monumentos presentes na cidade, entre eles o Monumento a Anita Garibaldi, descrevendo a imagem da heroína da seguinte forma:

“[...]A imagem de Anita retratada neste monumento, não é outra senão a da “heroína”: com a arma em uma das mãos e a outra erguida aos céus, como se estancasse um ato de bravura. Sua imagem não repousa, ela sugere dinamismo, movimentação. Anita aparece com os pés afastados um do outro, num passo largo e rápido, tanto que suas vestes apresentam um relevo que denotam um esvoaçar, flutuando no vento contrário ao seu movimento. É sem dúvida a guerreira”. (BITENCOURT, 2011, p. 98-99).

Ainda segundo o autor, o patrimônio histórico cultural presente nos monumentos em Laguna, “reafirma” a identidade cultural do cidadão lagunense, que passa todos os dias pelo centro histórico da cidade, de morar em uma cidade histórica. Podemos estabelecer que nessa criação e reafirmação de uma identidade cultural está presente a construção da memória coletiva, e com isso surge a importância do debate acerca do monumento a Anita, pois segundo Le Goff “A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.” (1990, p. 535).

O primeiro processo de tombamento que a cidade teve foi o do prédio conhecido como o antigo Paço Municipal. Entre abril e maio de 1953, em relatório de viagem do conservador Alfredo T. Rusins, ele descreve o interesse de tombar o prédio, que fora sede do governo da aclamada República Juliana, e onde ainda naquela época funcionavam a Câmara Municipal, o

Museu Municipal Anita Garibaldi, a Biblioteca Pública e outras instituições culturais (Gonzaga p, 203).

É inegável a importância do tombamento do centro histórico de Laguna, como ferramenta de proteção ao patrimônio, mas nos dias de hoje devemos nos questionar o que esse conjunto arquitetônico nos está a dizer, ou qual o discurso que será feito a partir dele. Os Patrimônios são territórios de poder e que podem ser usados para (re)lembrar e esquecer.

Monumentos intencionais (bens escolhidos), que tem por finalidade, nos lembrarem, guardarem na nossa memória atos, fatos, acontecimentos passados e “dignos” de não serem esquecidos, são como suportes, construídos e preservados no intuito de manutenção/perpetuação dessa memória.

O processo e projeto de preservação do patrimônio histórico no Brasil tem uma trajetória marcada por eventos e legislações importantes. O marco inicial ocorreu em 1936, com a criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que posteriormente se tornou IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Além disso, o Decreto-lei de 30 de novembro de 1937, assinado por Getúlio Vargas, e a Lei do Tombamento foram passos cruciais nesse processo.

O Brasil, no período entre guerras, começou a perceber a importância de preservar seu patrimônio histórico e artístico diante das transformações urbanas e sociais. Criado por Mário de Andrade, o SPHAN tinha como propósito identificar, catalogar, preservar e promover o patrimônio cultural brasileiro.

O decreto-lei de 1937⁶ (Decreto com natureza jurídica de Lei) foi promulgado durante o Estado Novo, um período autoritário no Brasil liderado por Getúlio Vargas, o objetivo do Decreto-lei era consolidar as bases para a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, conferindo ao SPHAN a responsabilidade de zelar pelos bens culturais. (Decreto Lei número 25, 30 de novembro de 1937 - Lei Brasileira da Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937, 116º da Independência e 49º da República).

Art.1 O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, organizado para os fins de proteger os documentos, obras de arte, monumentos, edifícios e demais objetos de valor

⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm

histórico e artístico em todo o território nacional, e as medidas necessárias a respeito de tais objetos.

Esse decreto foi de fundamental importância para os bens culturais do Brasil além de estabelecer um fundamento legal que perdura até os dias atuais.

A Lei do Tombamento, Lei nº 378, foi promulgada em 1937, também durante o Estado Novo tinha por objetivo o processo de tombamento e introduziu a prática do tombamento, que consiste em refletir e proteger legalmente bens culturais, impedindo sua destruição, descaracterização ou alienação.

O SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), mais tarde IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), passou a registrar e proteger bens culturais diversos, como edificações, sítios destruídos, manifestações culturais e artísticas, entre outros. Ao longo dos anos, o conceito de patrimônio histórico foi expandido, incluindo não apenas construções monumentais, mas também elementos imateriais, como festas populares e tradições.

Hoje o trabalho do IPHAN busca conciliar a preservação do patrimônio com o desenvolvimento sustentável, promovendo a valorização cultural e econômica das regiões, onde há uma ênfase crescente na participação social no processo de preservação, envolvendo comunidades e sociedade civil na identificação e salvaguarda do patrimônio.
<http://portal.iphan.gov.br/>

O SPHAN e as legislações que se seguiram foram fundamentais para estabelecer uma base jurídica e institucional sólida para a preservação do patrimônio histórico e artístico no Brasil. Essa trajetória reflete a consciência crescente da importância da identidade cultural e da memória coletiva na construção de uma sociedade mais consciente de sua história e valores. Era a construção de uma história nacional através dos monumentos históricos onde se privilegiava a unidade nacional.

O SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi criado em 13 de janeiro de 1937, e posteriormente, em 1970, foi transformado no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão vinculado ao Ministério da Cultura no Brasil. Ambos os órgãos têm como objetivo principal a preservação e promoção do patrimônio histórico e artístico do país. Abaixo alguns dos deveres e responsabilidades dessas instituições:

SPHAN (até 1970): Preservação do Patrimônio: O SPHAN tinha a responsabilidade de identificar, catalogar e preservar bens culturais considerados relevantes para a história e a cultura brasileiras.

Restauração de Monumentos: Uma das funções primordiais do SPHAN era a restauração e conservação de monumentos históricos e artísticos. Isso incluiu a recuperação de igrejas, casarões, praças e outros elementos importantes e culturais.

Educação Patrimonial: O serviço tinha o dever de promover a conscientização sobre a importância do patrimônio histórico e artístico, desenvolvendo atividades educacionais e culturais para o público em geral.

Pesquisa e Documentação: O SPHAN foi encarregado de realizar pesquisas sobre o patrimônio brasileiro, documentando e registrando informações relevantes para a preservação.

IPHAN (após 1970): Registro e Tombamento: O IPHAN continua a função do SPHAN de identificar, catalogar e proteger bens culturais através do tombamento, que consiste no registro oficial do valor histórico e cultural de um bem.

Fomento à Cultura: Além da preservação física, o IPHAN passou a distribuir um papel mais amplo no fomento à cultura, apoiando projetos e iniciativas que visam valorizar e promover o patrimônio histórico e artístico.

Política de Salvaguarda: O IPHAN desenvolve políticas e ações de segurança para proteção de manifestações culturais imateriais, como festas, danças, músicas e tradições orais.

Pesquisa e Publicações: A instituição continua a realizar pesquisas e documentar o patrimônio cultural brasileiro, publicando informações e promovendo o conhecimento sobre a história e a cultura do país.

Parcerias e Cooperação: O IPHAN busca parcerias e cooperação com órgãos governamentais, organizações não governamentais e comunidades locais para fortalecer as ações de preservação e promoção do patrimônio cultural.

Essas funções refletem a importância contínua do IPHAN na proteção e valorização do rico patrimônio histórico e cultural do Brasil. A preservação do patrimônio é considerada

crucial para a compreensão da identidade nacional e para o enriquecimento da experiência cultural da sociedade brasileira.

O Pronac (Programa Nacional de Apoio à Cultura) é um programa do Governo Federal brasileiro destinado a incentivar projetos culturais, artísticos e patrimoniais por meio de mecanismos de financiamento e renúncia fiscal. A Lei Rouanet, oficialmente chamada de Lei Federal de Incentivo à Cultura, é o dispositivo legal que estabelece as diretrizes para o Pronac⁷.

“Voltada ao mercado cultural, as leis de incentivo à cultura atuam como forma de promoção à produção e ao consumo de bens culturais, através da concessão de subsídios fiscais. O mais popular destes mecanismos é a lei nº 8.313/1991 que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), também conhecido como Lei Rouanet.” (Campos, 2017, p.23-24)

A compreensão desse programa é fundamental para entendermos como o apoio governamental à cultura no Brasil funciona. Empresas e pessoas podem investir em projetos culturais com dedução de impostos.

“A Lei Rouanet foi constituída como mecanismo de incentivo às artes, onde, sociedades empresárias são incentivadas a patrocinar projetos culturais diversos recebendo em troca, além de visibilidade e aproximação com seu público-alvo, compensações fiscais”. (Campos, 2017, p.12).

Nesse viés, a criação da Lei Rouanet e do Pronac pode ser detalhada da seguinte forma:

Contexto Histórico: Década de 1980: O Brasil vivenciava um período de redemocratização e efervescência cultural. Foi nesse contexto que se viu a necessidade de criar mecanismos para incentivar a produção cultural e artística, bem como estimular o apoio financeiro do setor privado a essas iniciativas.

Lei Rouanet (Lei Federal de Incentivo à Cultura): 1986: A Lei Rouanet (Lei nº 7.505/1986) foi instituída pelo então Ministro da Cultura, Sérgio Paulo Rouanet. A legislação arbitrou um conjunto de diretrizes para incentivo à cultura por meio de renúncia fiscal, permitindo que as empresas deduzissem o imposto de renda parte do valor investido em projetos

⁷ Revista Tributária e de Finanças Públicas ano 25 v 135 IV trim 2017. Marcelo Campos (coordenador). Disponível em: <https://rtrib.abdt.org.br/index.php/rtfp/article/view/7/2>

culturais aprovados pelo Ministério da Cultura. (Disponível em <http://www.cultura.gov.br> último acesso em 19/6/2024)

Segundo o Ministério da Cultura (1986) O objetivo principal da lei era criar um ambiente propício para o financiamento de atividades culturais, incluindo música, teatro, cinema, artes visuais, patrimônio histórico, entre outros.

Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac): O Pronac foi instituído como uma política de incentivo à cultura vinculada à Lei Rouanet. Ele consiste em um conjunto de mecanismos e instrumentos de fomento à produção cultural. (Ministério da Cultura do Brasil 1989).

Mecanismos de Incentivo: O Pronac engloba diferentes mecanismos de incentivo, como o Fundo Nacional de Cultura (FNC), o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (Ficart), e os incentivos fiscais previstos na Lei Rouanet. (Ministério da Cultura do Brasil. Programa Nacional de Apoio a cultura (PRONAC) Brasília: Governo Federal 1989. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/pronac> Acesso em 20 de junho de 2024.

Projetos Aprovados: Para serem beneficiários de incentivos fiscais, os proponentes de projetos culturais devem submeter suas propostas ao Ministério da Cultura para aprovação. Uma vez aprovados, esses projetos podem captar recursos junto com empresas patrocinadas que, por sua vez, terão deduções fiscais.

A lei Rouanet estabelece orientações que alicerçam o apoio a projetos culturais, um dos principais pontos da Lei Rouanet: Renúncia Fiscal: Empresas e pessoas físicas podem destinar parte do imposto de renda devido a projetos culturais aprovados, em vez de pagar diretamente ao governo. Além disso, as empresas tem como opção (incentivo direto) patrocinar projetos culturais diretamente, utilizando parte do valor investido como desconto no imposto de renda. Para que os projetos possam captar recursos e oferecer incentivos fiscais é necessário obter aprovação prévia do Ministério da Cultura . A Lei Rouanet também se destaca por abranger uma ampla gama de atividades culturais, promovendo a diversidade cultural do país. Ao longo dos anos a Lei Rouanet e o PRONAC passaram por muitas críticas sobre o seu funcionamento, no entanto a legislação passou por revisões para aprimorar a avaliação de impacto e a transparência na aplicação dos recursos destinados ao apoio a produção cultural e artística no Brasil. Envolvendo tanto o setor público quanto o privado no financiamento e promoção de iniciativas culturais.

Para Campos (2017, p.26) há aspectos contraditórios na Lei Rouanet pois ela teve alicerce em leis francesas e norte americanas, ou seja, um contexto diferente do Brasil.

“Assim sendo, o “plágio” do mecanismo de incentivo ocorreu sem a devida contextualização à realidade brasileira que possui especificidades muito diferentes daqueles países. Desta feita, os mecanismos de incentivos fiscais, como o da Lei Rouanet, produzem efeitos dissonantes e até contrários aos interesses da cultura nacional, pois não havendo uma estrutura pública de investimento em cultura, este mecanismo se tornou a única fonte de recursos ao setor cultural. Ou seja, o mecanismo de incentivo fiscal deveria ser uma ferramenta complementar, acessória, conectada a outras ferramentas que em conjunto efetivariam o Plano Nacional de Cultura. Como a Lei Rouanet é a única medida realmente materializada no setor, cria-se um sistema desigual e desequilibrado para a cultura. “(Campos, 2017, p.26 e 27).

Na prática existem contradições com as bases constitucionais da lei, há uma inércia do Estado em desenvolver outras políticas públicas para o setor pois “O formato de incentivo fiscal, incentiva o patrocinador a investir somente em grupos artísticos que consigam atrair grandes públicos, gerar mídia espontânea e estimular o ganho em comunicação e valorização da marca”. (Campos, 2017 p.31).

A Lei Rouanet é desigual pois os recursos são designados para regiões ricas, favorecendo um tipo de público, ficando falha no que se refere à democracia cultural. Porém ao mesmo tempo se faz necessário entender o funcionamento do Pronac e da Lei Rouanet não apenas para esclarecer como o apoio à cultura é estruturado no Brasil, mas também para ressaltar a importância desses programas para o enriquecimento cultural e o desenvolvimento social e econômico do país. Conhecendo essas informações, artistas, produtores culturais e instituições podem buscar acesso aos recursos e conhecer quais são os procedimentos necessários para submeter seus projetos ao Pronac, o que está garantido na lei, mesmo que haja falhas no processo. O Brasil necessita também avançar no sentido de outras políticas públicas para que chegue a outros grupos, outros setores como a cultura popular que é a identidade do povo Brasileiro.

Em relação ao monumento a Anita, a Lei Rouanet é importante pois é uma legislação brasileira que (apesar da desigualdade de distribuição de rendas) incentiva a cultura através de investimentos privados, oferecendo benefícios fiscais para empresas e pessoas físicas que patrocinem ou apoiem projetos culturais. Monumentos e obras de arte frequentemente precisam de recursos para sua criação, restauração ou manutenção.

A Lei Rouanet pode ser usada para financiar iniciativas que promovam a preservação e a divulgação de monumentos históricos e culturais. Isso inclui a restauração de monumentos como o da Anita Garibaldi, bem como projetos educativos e culturais que ajudem a manter viva a memória e o significado desses marcos históricos.

2.4 ESTÁTUA DE ANITA GARIBALDI: O DESEMPENHO DO MONUMENTO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

Como visto anteriormente, o Monumento a Anita Garibaldi, inaugurado em 1964 em Laguna, Santa Catarina, é uma estátua de bronze criada pelo escultor Antônio Carangi. Esta estátua está localizada em frente ao Museu Anita Garibaldi e substituiu um obelisco que havia sido erigido em 1939 para comemorar o centenário da República Juliana. Atualmente, o obelisco está na Praça Pinto Bandeira. O monumento não apenas presta homenagem à figura histórica de Anita Garibaldi, mas também serve como um ponto de referência cultural e educacional, enriquecendo a compreensão da história local e nacional

Apontada já anteriormente a importância do monumento para a memória e história coletiva da região podemos citar o Artigo 7º da Carta de Veneza⁸ que diz que “O monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que se situa.”. Ainda sobre a relevância do monumento, segundo a Carta de Veneza (1964, p. 02). Esta definição enfatiza que monumentos não são apenas estruturas arquitetônicas isoladas, mas também elementos que refletem a história e a cultura de um lugar, abrangendo áreas urbanas ou rurais significativas. O Monumento a Anita Garibaldi se encaixa nessa definição ao testemunhar e perpetuar a memória de uma figura histórica importante e seus feitos, não apenas em contexto local, mas também no cenário nacional e internacional.

Nesse sentido podemos analisar como o Monumento a Anita reafirma sua bravura na história. O monumento que, para Le Goff, é uma herança do passado mostra a todos os que passam pelo local, sejam moradores, historiadores ou turistas acabam conhecendo, mesmo que brevemente, a história de Anita, uma guerreira que defendia os ideais republicanos no período da monarquia brasileira, que travou bravas batalhas em território nacional, uruguaio e lutou pela

⁸ A Carta de Veneza, de maio de 1964, realizada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório, discute sobre a conservação e a restauração de monumentos e sítios monumentais.

unificação da Itália, toda essa história preservada em um monumento do patrimônio histórico nacional.

Para Le Goff, “documento é monumento” (1990, p.548), sendo assim o autor nos aponta uma ótima reflexão acerca dos documentos/monumentos e como o historiador deve analisar a informação contida no monumento.

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p. 545).

Le Goff se refere ao documento como um monumento e portanto, como uma construção, uma determinada perspectiva da história e da memória. O que ele quer dizer é que de certa forma, todo documento é um monumento, no sentido de que sua elaboração e sua conservação foram do interesse de alguém, um grupo político ou social. Sabendo então que “[...]O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.[...]” (LE GOFF, 1990, p. 535), podemos afirmar que o monumento a Anita é uma forma de validar a construção de sua história, como uma heroína, uma guerreira, conservando assim na memória coletiva o seu papel.

A memória é parte importante presente no universo do monumento e do patrimônio histórico a respeito disso se pode citar Bitencourt, que nos apresenta a memória como uma forma de ludibriar as “amarguras” do passado.

“A memória, enquanto experiência vivida e transmitida socialmente, tende a adocicar o sabor dos acontecimentos passados. A distância e a consciência do já ocorrido eliminam o perigo do jogo da vida do momento vivido, fazendo com que a memória constantemente atribua ao passado harmonia, passividade e felicidade. Para além das tintas coloridas com que a memória tinge o passado há maquinações, as fabricações, que buscam normatizar visões, construir estruturas que definam apropriações. Se a memória é sempre a recordação de alguém sobre um acontecimento e não o acontecimento, esta recordação pode sofrer conduções e direcionamentos, principalmente quando se faz coletivamente no mundo social.” (BITENCOURT, 2011, p. 108).

Como já está esclarecido o papel do monumento para a construção do patrimônio histórico e cultura nacional, podemos brevemente pontuar sobre patrimônio imaterial e material. O primeiro é transmitido de geração em geração, é renovado, recriado e apropriado pelos indivíduos e grupos, são elementos marcantes na identidade e significativo na memória individual e coletiva desses grupos as quais eles fazem parte. Sua salvaguarda é feita através de registro, os quais são inscritos em um dos quatro Livros, e de acordo com sua categoria sendo elas: Formas de Expressão, Celebrações, Lugares e Saberes.

Já o Patrimônio Material é composto por bens de natureza material, podendo ser, sítios arqueológicos e paisagísticos, imóveis como as cidades históricas e bens individuais, ou bens móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais e arquivísticos. A salvaguarda do patrimônio material é feita através de instrumentos de proteção, onde podemos destacar o tombamento, como aponta Gonzaga (2017)

Com isso podemos concluir algumas ideias apresentadas, são elas: Significado e Relevância do Monumento, o Monumento a Anita Garibaldi assume um papel crucial na preservação e promoção da memória coletiva. Perspectiva Teórica sobre Monumentos e Documentos, a teoria de Jacques Le Goff, que propõe que “documento é monumento,” é particularmente relevante para a análise deste monumento. Le Goff argumenta que monumentos e documentos são construções sociais que refletem e perpetuam a memória e a história de uma sociedade. Para ele, a análise do monumento enquanto documento permite ao historiador compreender o contexto social e político que moldou a sua criação. Assim, o Monumento a Anita Garibaldi deve ser visto não apenas como uma estátua, mas como uma construção social que reflete as relações de poder e os valores da época em que foi erigido.

Também podemos observar a relação entre memória coletiva e patrimônio, a memória, como descrito por Bitencourt (2011), tende a "adocicar" o passado, moldando a forma como os eventos são lembrados e interpretados. O Monumento a Anita Garibaldi, portanto, não apenas preserva a história de Anita Garibaldi, mas também contribui para a construção de uma narrativa coletiva que realça seus feitos e importância histórica.

3. DESCONSTRUINDO REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

3.1 GÊNERO E A HISTÓRIA DE ANITA GARIBALDI

As representações de gênero, feminino e masculino, foram moldadas ao longo da história e variação cultural, sendo influenciadas por normas sociais, estereótipos, tradições e expectativas. Essas representações nem sempre refletem as experiências reais e a diversidade das identidades de gênero. Como nos mostra De Lauretis “assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe.” (1987, p.211).

Alguns dos estereótipos mais conhecidos na sociedade ocidental atual são fundamentados nas relações de sexo-gênero como nos aponta De Lauretis (1987), e as funções atribuídas ao feminino e ao masculino.

O sexo é visto como uma característica biológica que se baseia em características físicas, como genitais, cromossomos, hormônios e estruturas do corpo. Tradicionalmente, o sexo tem sido categorizado em duas categorias: masculino e feminino, com base nos órgãos genitais (homens têm pênis, mulheres têm vagina) e na configuração dos cromossomos (homens geralmente têm XY, mulheres geralmente têm XX). Como nos aponta Praun.

O organismo dos seres vivos apresenta características estruturais e funcionais peculiares e distintas entre os machos e as fêmeas. Gilbert, Hallet e Elltridge (1994), citados por Nogueira (2001), dizem que para classificar os indivíduos segundo a anatomia humana utiliza-se o termo sexo. Assim, um indivíduo é macho ou fêmea de acordo com os cromossomos expressos em seus órgãos genitais. Stoller (1993), citado por Oliveira e Knöner (2005), porém, procurou provar por meio de suas investigações que as características de gênero não são garantidas pela biologia, uma vez que muitos sujeitos apresentam características femininas ou masculinas em dissonância com sua anatomia. (Praun, 2011, p.)

No entanto, é importante notar que a biologia do sexo não é binária. Existem variações biológicas, como a intersexualidade, em que uma pessoa pode ter características sexuais que não se enquadram claramente na definição típica de masculino ou feminino. Esse sexo ou como nos aponta Foucault a sexualidade está estritamente ligada às relações de poder.

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade

não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (Foucault, 1988, p.)

O gênero é um aspecto que permeia as relações sociais, fundamentado nas percepções das diferenças entre os sexos. “O gênero faz parte das relações sociais, assim como classe, geração e outras categorias.” (Wolff e Saldanha 2015). Por meio dele, são atribuídos significados às dinâmicas de poder.

O Gênero é uma construção, ou seja, ele não é algo que venha da natureza, ele não está pré-determinado quando a pessoa nasce, embora haja expectativas sociais que relacionam o gênero ao sexo.[...] O Gênero está relacionado à cultura, a história e a forma social, ou seja, os aspectos que são considerados femininos, masculinos ou mesmo neutros, dependem de cada cultura, de cada sociedade e do tempo histórico, e portanto, podem ser modificados, transformados e repensados. (Wolff e Saldanha, 2015, p.35)

É importante ressaltar o gênero como poder pois,[...]“nas sociedades que conhecemos, esta hierarquia é do tipo “patriarcal” ou seja , são pessoas identificadas com o gênero masculino que detêm a maior parte do poder” (Wolff e Saldanha, 2015).

Simone de Beauvoir, uma das figuras mais influentes do feminismo no século XX, é amplamente conhecida por suas concepções sobre a condição feminina, especialmente em sua obra clássica *O Segundo Sexo*⁹. Nesse texto, Beauvoir explora a construção social do gênero e as formas pelas quais a sociedade patriarcal moldou e continua a moldar as vidas das mulheres. Sua famosa declaração "Não se nasce mulher, torna-se mulher" reflete sua visão de que a feminilidade não é uma essência biológica, mas uma construção social imposta às mulheres ao longo de suas vidas.

A análise de Beauvoir sobre os estereótipos de gênero, como a fragilidade, a emotividade e o papel de cuidadora atribuído às mulheres, continua relevante na sociedade atual. Esses estereótipos, conforme apontado, foram historicamente utilizados para justificar a subordinação das mulheres, limitando suas oportunidades e reforçando uma estrutura de poder que favorece os homens. Beauvoir argumenta que essas construções não são inerentes às mulheres, mas são impostas por uma sociedade que valoriza a força física e outras características tradicionalmente associadas ao masculino.

⁹ O Segundo Sexo é uma das obras mais importantes e influentes de Simone de Beauvoir, publicada em 1949. Neste trabalho monumental, Beauvoir examina a condição feminina ao longo da história e oferece uma análise profunda das estruturas sociais e culturais que moldaram a vida das mulheres. O livro é dividido em duas partes principais: Fatos e Mitos e A Experiência Vivida.

No entanto, à luz das discussões contemporâneas, algumas das concepções de Beauvoir podem parecer limitadas ou datadas. Por exemplo, seu foco na dicotomia entre o masculino e o feminino, bem como na experiência das mulheres em termos de maternidade e trabalho doméstico, pode não abarcar plenamente a diversidade de experiências e identidades de gênero reconhecidas hoje.

A discussão sobre gênero, nos dias atuais, inclui uma compreensão mais ampla que transcende o binarismo de gênero e abarca questões relacionadas à identidade de gênero, à interseccionalidade e à diversidade de expressões de gênero.

Beauvoir (2016, p.95) diz que o mundo sempre pertenceu aos machos e assim são estabelecidos estereótipos e papéis dentro da sociedade para o gênero feminino, por exemplo, a fragilidade, o estereótipo da mulher como frágil, emocional e delicada é uma representação que tem sido usada historicamente para limitar as oportunidades e expectativas das mulheres; Cuidadora, as mulheres frequentemente são retratadas como cuidadoras, responsáveis pelo cuidado da família e do lar.

Simone de Beauvoir (2016) relata que antes do surgimento da agricultura a situação das mulheres era complexa. Algumas narrativas sugerem que existiam mulheres que demonstravam coragem e até crueldade comparadas aos homens em relação aos inimigos. No entanto, a predominância da força física, favorecia os homens. Adicionalmente questões como gravidez, parto e menstruação limitavam a capacidade de trabalho das mulheres.

Para se defender contra os inimigos, para assegurar sua manutenção e da prole, elas necessitavam de proteção dos guerreiros e do produto da caça e da pesca que se dedicavam os homens (Beauvoir, 2016, p.96). Assim muitos estereótipos foram se consolidando; a mulher até hoje é representada por muitos conservadores como passiva e submissa. As mulheres muitas vezes são consideradas mais habilidosas em comunicação, empatia e relações interpessoais; e para finalizar temos a maternidade e o trabalho doméstico, ambos são frequentemente vistos como um papel central na vida das mulheres, “reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos[...]” (Beauvoir 2016). Segundo essa autora o que está alicerçado é que somente o trabalho doméstico é conciliável com a maternidade.

Além disso, a vaidade, a preocupação com a aparência e a busca da beleza são frequentemente associadas às representações femininas nas narrativas históricas e

contemporâneas. “Assim a partir desse sistema de incorporações que as pessoas vão absorvendo ao longo da sua história vão se constituindo ações, pensamentos, percepções, disposições e dominações. (Silveira, 2022, p.54).

Os estereótipos associados ao gênero masculino são totalmente opostos como por exemplo, a força física: os homens são frequentemente representados como fisicamente fortes e agressivos; Provedores: a expectativa tradicional é que os homens sejam os provedores da família, responsáveis pelo sustento financeiro; Racionalidade: os homens são muitas vezes retratados como mais racionais e menos emotivos; Coragem: coragem e assertividade são características frequentemente associadas às representações masculinas; Independência: espera-se que os homens sejam independentes e autossuficientes; Resistência emocional: os homens são frequentemente incentivados a reprimir suas emoções, especialmente aquelas consideradas "fracas", quem nunca ouviu aquela famosa frase “homem não chora”.

Segundo Silveira (2022) estes estereótipos vêm [...] desde o período da colonização, onde o pai era a figura central e dominante na sociedade. Esse modelo patriarcal pressupõe esse pai como um chefe, não apenas das pessoas de laços sanguíneos, mas de todos os que participavam do núcleo familiar: parentes, escravos, empregados. etc. Assim se originou uma sociedade na qual o homem detém o poder onde “há a dominação do homem sobre a mulher. O ideal de mulher que aprendeu a ser submissa a esse homem” (Silveira, 2022).

Assim estes estereótipos do homem e da mulher acontecem nas relações sociais e são reproduzidos tanto pelo homem como pelas próprias mulheres.

Nessa análise é, importante ressaltar que a partir das relações patriarcais estes estereótipos foram se edificando e as questões de gênero sendo cada vez mais exploradas por diversas disciplinas acadêmicas. Diversos campos, como teoria política e social, pós-estruturalismo, feminismos, estudos culturais, psicanálise e estudos de masculinidade, contribuíram para enriquecer a compreensão desse conceito. Essas abordagens têm ampliado as perspectivas de gênero, especialmente quando consideradas em conjunto com outros marcadores sociais, como classe, orientação sexual, raça, etnia, entre outros.

Dentro do âmbito da crítica literária feminista, como nos aponta Dias (2008) o interesse se concentra, entre outros aspectos, na análise, denúncia e revelação das representações limitadas das personagens femininas e das construções de gênero que surgem de uma realidade social na qual as mulheres lutaram historicamente por direitos que a elas foram negados. Essa

abordagem também busca reconstruir uma identidade que foi fragmentada devido ao conflito constante com noções essencialistas, tanto aquelas enraizadas no próprio pensamento feminista quanto aquelas impostas externamente.

Vale ressaltar que gênero é uma construção subjetiva que se refere à maneira como uma pessoa se identifica internamente em relação às categorias de gênero, que podem incluir masculino, feminino, ambos, nenhum ou outros. O gênero é uma experiência pessoal e pode ser independente do sexo biológico. Algumas pessoas se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer (cisgênero), enquanto outras não (transgênero).

O gênero não é apenas uma concepção, mas sim uma construção que continua influenciando e moldando diversas esferas da sociedade, incluindo a mídia, o ambiente escolar, as instituições, a família, o meio acadêmico e a intelectualidade.

Com tudo, não cabe a esse projeto uma discussão mais aprofundada sobre a questão de sexo-gênero, pois dada a complexidade desse tema o mesmo necessita de um trabalho apenas sobre ele. O que nós queremos aqui com essa breve explicação sobre sexo, gênero e relações de poder é problematizar a construção da história da guerreira republicana, nossa famosa Anita Garibaldi.

Uma história com enfoque de gênero, nos possibilita enxergar as hierarquias existentes na sociedade, que se baseiam nestas relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres. Para entender a excepcionalidade de Anita, é preciso compreender essa questão.

Muitas outras mulheres também participaram da Revolução Farroupilha. No século XIX, era ainda muito comum que todos os exércitos fossem seguidos por grupos de mulheres. O que diferencia Anita destas outras mulheres são seus feitos militares e o” grande reconhecimento que teve ao falecer, partindo principalmente do próprio Garibaldi que a incluiu em suas memórias e a fez sepultar com honras na Itália. Garibaldi reconheceu Anita não somente como mãe de seus filhos e companheira, mas também como combatente destemida (Wolff, 2012, p.28).

A narrativa de Garibaldi, através de suas memórias, escrita por Alexandre Dumas¹⁰, em um livro que se tornou muito famoso, e no qual Anita figura de forma destacada muda

¹⁰ Ver Memórias de Garibaldi, 1860. Alexandre Dumas. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Este livro conta a passagem de Giuseppe Garibaldi pela América do Sul, especialmente pelo Brasil, depois de ter sido condenado

um pouco em relação à outras mulheres que receberam apenas pequenas menções, geralmente anônimas, em documentos oficiais ou relatos, pois sua condição de mulheres nessa sociedade lhes colocava nessa situação de anonimidade, de irrelevância, não porque não tenham participado dos fatos, das batalhas, do cuidado com os soldados, mas porque não pareceram relevantes naquele contexto, e foram ativamente esquecidas.

Essa análise nos leva a questionar como a história das mulheres é contada e como as representações de figuras como Anita Garibaldi podem ser influenciadas por construções sociais de gênero. Mesmo que algumas das concepções de Beauvoir possam parecer limitadas em um contexto contemporâneo mais amplo, sua crítica à construção social do gênero permanece crucial para compreender as dinâmicas de poder que continuam a moldar a memória e a representação de mulheres na história.

Em resumo, as concepções de Simone de Beauvoir oferecem uma lente poderosa para interpretar e reavaliar a representação de Anita Garibaldi, destacando como as normas de gênero influenciam a forma como as mulheres são lembradas e como suas contribuições são valorizadas ou subestimadas na narrativa histórica.

3.2 A REPRESENTAÇÃO DE ANITA GARIBALDI COMO HEROÍNA

A representação de Anita Garibaldi apesar de alguns estereótipos estabelecidos através do tempo e pelo senso comum marcaram a minimização do seu papel histórico. A sua importância na luta pela independência, unificação da Itália e na Revolução Farroupilha no Brasil foi subestimada, tratada como uma coadjuvante na história, com destaque para o papel de Giuseppe Garibaldi. Porém, nos monumentos históricos ela aparece como uma mulher que carrega uma arma, ou seja, numa posição de igualdade com os homens. Mulheres armadas desafiam o estereótipo de mulher como um ser frágil e delicado que deve ser protegido por homem. Talvez seja por isso que a história escrita muitas vezes esquece as mulheres em suas narrativas sobre guerras, guerrilhas e conflitos armados.

Sua imagem a partir do patrimônio desconstrói a história patriarcal. [...] “Ela aparece em muitos monumentos e nos livros de história como a heroína de dois mundos por ter seguido seu companheiro Giuseppe nas revoluções do Brasil, Uruguai e Itália.” (Wolff, 2012).

à morte em seu país. Conta em preciosos detalhes a sua decisiva atuação junto às tropas republicanas do Rio Grande contra o império Brasileiro na Guerra dos Farrapos (1835-1845), além das suas andanças pelo Uruguai e pela Argentina, e a volta ao combate na Itália.

Conhecer o papel de Anita Garibaldi na história é fundamental para resgatar sua importância real e reconhecer suas conquistas individuais. Ela não era apenas uma figura coadjuvante na história, mas uma heroína por mérito próprio, cuja autoridade e determinação deveriam ser lembradas e celebradas. Além disso, a análise crítica dessa representação ajuda a promover uma compreensão mais equitativa do papel das mulheres na história e na sociedade, contribuindo para a luta pela igualdade de gênero. Essa análise possibilitou um “novo olhar sobre a participação feminina de arma na mão em momentos críticos para a história do Brasil.” (Wolff, 2012).

Existem muitas representações "feminizadas" dela, em que aparece com os filhos, com vestidos, como uma mulher apaixonada que seguiria seu amado até os confins do mundo, como já vimos a cima, atributos que a tornam ainda mais admirada aos olhos da memória coletiva, por representar o papel incumbido a figura do feminino. Entretanto como nos aponta Wolff, sobre as mulheres que participaram das guerrilhas no século XX:

Os vários relatos de ex-militantes, bem como textos escritos na época, também nos indicam que a militância nesses grupos era vista como algo ‘viril’, que exigia coragem e determinação, desprendimento e espírito de sacrifício, qualidades vistas em nossas sociedades como masculinas. (WOLFF, 2007, p.23)

Essa representação de Anita como uma mulher “feminina” pode ser vista como uma tentativa de conformá-la às normas de gênero da época, que ditavam que as mulheres deveriam ser submissas e não ameaçar o protagonismo masculino. Sua imagem foi adaptada para se encaixar nesses moldes. “Assim, analisar as relações de gênero na literatura é tentar desconstruir a história patriarcal e resgatar as alteridades, questionando a igualdade de classe, raça e gênero”. (Dias, 2008, p.138).

Com isso, chegamos ao nosso objeto de estudo o Monumento a Anita, a representação da Heroína na escultura traz algumas características femininas, pois ela está de vestido, mas em contrapartida carrega uma arma. Como podemos ver a baixo nas Figuras 5 e 6 ela aparece como uma mulher, mas carrega uma arma, que, em alguns contextos, como já vistos anteriormente, é uma forma de apropriação de uma certa masculinidade pelas mulheres, na medida em que a arma é um instrumento de poder, identificado com o masculino.



FIGURAS 5 e 6 – Monumento a Anita Garibaldi Laguna/SC
FONTE: Arquivo pessoal

A desconstrução da representação secundária de Anita Garibaldi na história é fundamental para resgatar sua importância real e reconhecer suas conquistas individuais. Ela não era apenas uma figura coadjuvante na história, mas uma heroína por mérito próprio, cuja autoridade e determinação deveriam ser lembradas e celebradas. Além disso, a análise crítica dessa representação ajuda a promover uma compreensão mais equitativa do papel das mulheres na história e na sociedade, contribuindo para a luta pela igualdade de gênero.

Além da representação no monumento, existem várias outras como podemos observar nas imagens a seguir:



FIGURA 7 – Monumento a Anita – Roma.

Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187791-d7622499-Reviews-Monumento_ad_Anita_Garibaldi-Rome_Lazio.html

Nesta estátua, embora ela esteja com a arma em riste e sobre o cavalo, ela aparece montando de lado, como uma “dama”, e com o filho no colo. Trata-se assim de uma representação que busca enfatizar seu papel de mãe, junto ao de guerreira, e também dar um certo cunho moral a esta figura histórica.



FIGURA 8 – O famoso retrato. *Ritratto di Anita Garibaldi* – Gaetano Gallino.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anita_Garibaldi_-_1839.jpg

Neste retrato ela parece uma dama... com joia, rendas, e um olhar preocupado e sério.

Com isso, a desconstrução da representação secundária de Anita Garibaldi na história é crucial não apenas para resgatar sua verdadeira importância, mas também para reconhecer suas conquistas individuais e destacar seu papel como heroína histórica. Ao desafiar a narrativa tradicional que a relegou ao papel de coadjuvante, emergem as dimensões de sua liderança e coragem que foram por muito tempo subestimadas ou ignoradas. Esta revisão crítica não se limita à estátua monumental, mas se estende às diversas representações visuais e literárias que moldaram sua imagem ao longo do tempo.

Além da representação no monumento, diversas outras imagens de Anita Garibaldi permeiam o imaginário coletivo, cada uma refletindo e perpetuando diferentes aspectos de sua figura histórica. Desde retratos que a romantizam como musa ou inspiração, até representações

que a posicionam como símbolo de resistência e determinação, essas imagens oferecem uma janela variada para sua vida e legado. Ao examinarmos essas representações através de uma lente crítica, não apenas enriquecemos nossa compreensão da história de Anita Garibaldi, mas também fortalecemos o movimento por uma narrativa mais equitativa e inclusiva das mulheres na história e na sociedade em geral.

3.3 ANITA GARIBALDI: ALÉM DA SOMBRA DE GIUSEPPE – UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

A atribuição de valor e as novas interpretações de Anita Garibaldi desempenham um papel crucial na compreensão e reavaliação da história dessa figura notável. A maneira como atribuímos valor a aspectos específicos de sua vida e legado molda não apenas nossa percepção individual, mas também a narrativa histórica coletiva que emerge ao longo do tempo.

No contexto de Anita Garibaldi, essa atribuição de valor pode ocorrer em diferentes níveis. Por exemplo, a forma como sua participação em eventos históricos, como sua Luta Republicana, é valorizada e contextualizada desempenha um papel crucial na construção de sua imagem como uma heroína nacional. Além disso, as representações artísticas, literárias e monumentos dedicados a ela também são indicados para essa atribuição de valor.

Através de novas interpretações, busca-se romper com narrativas tradicionais que muitas vezes relegaram Anita Garibaldi a um papel secundário em comparação com seu esposo, Giuseppe Garibaldi. Novas análises históricas e revisões buscam redefinir seu papel, destacando não apenas suas contribuições como esposa e mãe, mas também suas realizações individuais, confiança e influência na configuração dos eventos históricos de sua época.

Essas novas interpretações muitas vezes buscam resgatar aspectos negligenciados da vida de Anita, desafiando estereótipos de gênero e questionando as representações tradicionais que a retratam principalmente através de sua relação com Giuseppe Garibaldi. Ao considerar valor as diferentes facetas de sua vida, essas interpretações buscam oferecer uma visão mais abrangente e equilibrada, contribuindo para uma compreensão mais rica e completa de sua importância na história brasileira.

Na última análise, a atribuição de valor e as novas interpretações de Anita Garibaldi não apenas enriquecem a narrativa histórica, mas também promovem uma apreciação mais holística da contribuição dessa mulher notável para a construção da identidade nacional e a luta por ideais que transcenderam sua época.

Em resumo, Anita Garibaldi foi muito mais do que a sombra de Giuseppe. Ela foi uma heroína por méritos próprios, cuja coragem e determinação alcançaram uma figura notável na história da luta pela república, não apenas a brasileira, como a italiana. Sua história merece ser lembrada e celebrada como um exemplo de força e determinação feminina. Anita Garibaldi

serve como uma inspiração para muitas mulheres que buscam ocupar papéis ativos na sociedade, desafiando normas de gênero e lutando por seus ideais. Sua história destaca a importância das mulheres e celebra as contribuições das mesmas na história.

Uma outra observação revisitada por Funck (1994, p. 20) diz respeito à questão proposta por Beauvoir (1980) de que como o gênero é uma categoria gramatical, o masculino é a norma, isto é, “a forma universal, ou não marcada, enquanto que o feminino é marcado por uma variante ou um sufixo,” em muitos idiomas. Butler (2003, p. 29-30) contesta essa crença, ao levantar argumentos de Irigaray, a qual acredita que o sujeito da crítica e do pensamento feminista é particularmente a mulher, por isso busca trazer à luz as razões por trás das assimetrias de poder entre os gêneros, cujo legado histórico tem designado à mulher um papel secundário, quando não ignorado, banindo-a de uma possibilidade de protagonizar a história. Assim, analisar as relações de gênero na literatura é tentar desconstruir a história patriarcal e resgatar as alteridades, questionando a igualdade de classe, raça e gênero.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação das figuras femininas e masculinas na história de Anita Garibaldi é um reflexo das normas de gênero e das percepções sociais da época em que ela viveu. A história de Anita é complexa e multifacetada, e a representação de gênero desempenhou um papel significativo em como ela foi percebida e documentada.

Anita Garibaldi desafiou as normas de gênero de sua época ao se destacar como uma figura feminina forte e determinada. Sua coragem, habilidades militares e participação ativa nas lutas de independência tornaram-se uma figura singular em um contexto dominado por homens. No entanto, a história frequentemente a retratava em papéis tradicionalmente associados a mulheres, como esposa e mãe, especialmente em relação ao cuidado de seus filhos durante as campanhas militares. A relação amorosa e de companheirismo com Giuseppe Garibaldi é frequentemente destacada na história de Anita, o que pode levar a uma representação que a coloca em sua sombra. Embora seu relacionamento seja importante, a história também deve considerar suas realizações individuais.

Luta pela Igualdade de Gênero: A história de Anita também pode ser vista como um exemplo precoce de luta pela igualdade de gênero, já que suas ações desafiaram as normas tradicionais e abriram caminho para que as mulheres participassem ativamente em eventos históricos e políticos. **Desafios das Normas Sociais:** Anita apresentou desafios importantes em uma sociedade que impunha papéis rígidos de gênero. Sua história destaca o conflito entre sua figura forte e a expectativa de que as mulheres deveriam ser submissas. A história de Anita Garibaldi serve como inspiração para o feminismo e para a luta pela igualdade de gênero. Ela desafiou estereótipos e normas sociais de sua época, abrindo caminho para mulheres que buscavam um papel mais ativo na sociedade.

Em resumo, a história de Anita Garibaldi é um exemplo fascinante de como as representações de gênero podem ser desafiadas e reconfiguradas na narrativa histórica. Ela personifica uma figura que incorpora o feminino e o masculino de maneira não convencional, resistindo às expectativas tradicionais e inspirando uma visão mais equitativa de gênero na história e na sociedade. Ela é lembrada como uma figura que transcendeu as limitações de gênero de sua época e que deixou um legado significativo.

Podemos concluir também que monumentos e patrimônio histórico desempenham um papel crucial na perpetuação de memórias coletivas e individuais. Eles são como as pedras

angulares da memória, ajudando a manter vivas as narrativas do passado e a transmiti-las para as gerações futuras.

Monumentos são frequentemente erigidos para comemorar eventos, figuras históricas ou ideias que consideram importantes para uma comunidade, nação ou cultura. Eles servem como lembranças tangíveis e firmezas que mantêm viva a história coletiva e destacam os feitos significativos do passado. Identidade Cultural e Nacional: Monumentos e patrimônio histórico desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural e nacional. Eles refletem as tradições, valores e narrativas que definem quem somos como grupo, fornecendo um senso de continuidade e pertencimento. Educação e Conscientização: Esses locais servem como ferramentas de educação, fornecendo informações sobre a história, a cultura e os eventos passados. Eles ajudam a conscientizar as pessoas sobre os acontecimentos que moldaram o mundo em que vivem.

Monumentos podem evocar memórias e reflexões individuais. Muitas vezes, as pessoas têm conexões pessoais com locais históricos, lembrando visitas anteriores, histórias familiares ou experiências pessoais relacionadas a esses locais. Inspiração e Respeito: Monumentos muitas vezes inspiram respeito e admiração pelas pessoas e eventos que representam. Eles podem servir como modelos e fontes de inspiração para as gerações futuras, incentivando a busca por resultados semelhantes.

Além de monumentos, o patrimônio histórico também inclui objetos, edifícios e documentos históricos, como visto no decorrer da pesquisa. Esses elementos físicos são como vestígios do passado e oferecem insights valiosos sobre como as pessoas viveram e o que consideraram importantes em diferentes períodos históricos. Promoção do Diálogo e da Compreensão: Monumentos e locais históricos podem servir como pontos de encontro e diálogo, onde as pessoas podem discutir eventos históricos, aprender com o passado e refletir sobre como isso se relaciona com o presente. Evolução da Memória Coletiva: A interpretação de monumentos e patrimônio histórico pode evoluir com o tempo. À medida que novas pesquisas, perspectivas e valores emergem, a maneira como entendemos e lembramos do passado também pode mudar, resultando em uma evolução contínua da memória coletiva.

Em resumo, monumentos e patrimônio histórico são veículos cruciais para perpetuar memórias coletivas e individuais. Eles desempenham um papel vital na preservação da história, na construção da identidade cultural e na promoção da educação e do diálogo sobre o passado.

Além disso, eles inspiram respeito, reflexão e admiração, ajudando a moldar a maneira como vemos o mundo e nossa conexão com o passado.

A trajetória de pesquisa sobre Anita Garibaldi, explorando os conceitos de diferença feminina e escrita feminina, revela-se como uma jornada enriquecedora e multifacetada no universo da história e da representação de gênero. Ao longo deste trabalho, mergulhamos nas intrincadas camadas da vida de Anita, desvendando não apenas os eventos históricos que a marcaram, mas também questionando as narrativas que moldaram sua memória.

O conceito de diferença feminina, ao ser aplicado à análise da vida de Anita Garibaldi, oferece uma lente crítica para compreender as complexidades e os desafios enfrentados pelas mulheres em contextos históricos marcados por estruturas patriarcais. A protagonista de nossa pesquisa emerge não apenas como uma testemunha animada dos tumultuosos eventos de sua época, mas como uma figura que desafiou as normas de gênero, destacando-se não somente por seu papel como esposa e mãe, mas por suas próprias realizações e resistência.

A escrita feminina, por sua vez, surge como uma ferramenta crucial para redefinir as narrativas que circundam a figura de Anita. A análise crítica das representações históricas revela silêncios e estereótipos que relegaram Anita a um papel secundário, muitas vezes eclipsado pela figura de Giuseppe Garibaldi. Ao questionar essas construções narrativas, procuramos resgatar Anita não apenas como coadjuvante na história, mas como protagonista de sua própria narrativa.

Nesse contexto, o patrimônio histórico desempenha um papel fundamental na preservação da memória coletiva, e a análise do monumento a Anita Garibaldi em Laguna, Santa Catarina, revela a importância de questionar quem controla a seleção e divulgação da história. A atribuição de valor aos bens culturais e a produção de novas interpretações destacam a relevância de desafiar estereótipos de gênero e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da contribuição das mulheres para a história.

A análise da trajetória de Anita Garibaldi, sob a perspectiva das diferenças de gênero e da escrita feminina, revela-se como um estudo complexo e multifacetado, capaz de lançar novas luzes sobre a construção da memória histórica e coletiva. Ao longo deste trabalho, foram exploradas as diversas dimensões que compõem a vida de Anita, destacando tanto suas ações e realizações pessoais quanto os desafios impostos pelas normas de gênero de sua época.

A aplicação do conceito de diferença feminina permitiu uma leitura crítica das representações de Anita, questionando as narrativas tradicionais que muitas vezes a posicionaram como figura secundária, à sombra de Giuseppe Garibaldi. A análise evidenciou a necessidade de reconsiderar essas construções, resgatando Anita como protagonista de sua própria história, uma mulher que, em pleno século XIX, desafiou convenções sociais e se destacou em um cenário dominado por homens.

A escrita feminina, por sua vez, mostrou-se essencial na tarefa de desconstruir estereótipos e silêncios que permeiam a historiografia sobre Anita Garibaldi. Ao reavaliar as fontes históricas e as interpretações tradicionais, este estudo buscou contribuir para uma visão mais inclusiva e equitativa da história, que valorize as contribuições das mulheres e reconheça sua importância no desenvolvimento social e cultural.

O patrimônio histórico e os monumentos, como o dedicado a Anita Garibaldi em Laguna, foram analisados como instrumentos fundamentais na preservação e transmissão da memória coletiva. Este trabalho evidenciou a importância de questionar e revisar as narrativas consagradas, promovendo uma compreensão mais ampla das figuras históricas e das dinâmicas de poder envolvidas na construção da história.

Em conclusão, este estudo reafirma a importância de uma abordagem crítica e reflexiva na análise histórica, especialmente no que tange às questões de gênero e memória. Ao desafiar as narrativas tradicionais e promover uma escrita histórica mais inclusiva, espera-se contribuir para o fortalecimento de uma memória coletiva que reconheça e valorize as diversas vozes que compõem nossa história, com especial destaque para as mulheres que, como Anita Garibaldi, transcenderam as limitações de seu tempo e deixaram um legado duradouro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAVOIR, Simone. O SEGUNDO SEXO. Fatos e Mitos. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 V 1.

BITENCOURT, João Batista. **Realidade Sintética: História, Patrimônio e Memória na Artesania de uma Identidade Urbana.** Revista Esboços, Florianópolis, v. 18, n. 26, p. 91-114, dez. 2011.

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CADORIN, Adilcio. **Anita Garibaldi: a guerreira das repúblicas.** 5. ed. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2020. 319 p. ISBN 9786599169113.

CARDOSO, Irene. **Narrativa e História.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 3-13, novembro de 2000.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. Capítulo VI. São Paulo, UNESP. 2001, pp.205-258.

DECRETO-LEI Nº 3.551 DE 04 DE AGOSTO DE 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm

DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf

DIAS, Deise L. F. A CRÍTICA FEMINISTA E A QUESTÃO DE GÊNERO. Revista Ártemis, vol. 9, Dez 2008, p. 134-148.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Do original em francês: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir.

GONZAGA, Maria Vitoria Vieira Capote. Revista Santa Catarina em História – Florianópolis – UFSC – Brasil ISSN 1984-3968, v.11, n.1, 2017 Laguna: uma perspectiva histórica e patrimonial.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Traduzido do original francês La memoire collective (2.^a ed.). Presses Universitaires de France, Paris, França, 1968. Tradução de Laurent Léon Schaffter, 1990. Editora Revista dos Tribunais LTDA, São Paulo, SP, Brasil.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao1972%20-%20br.pdf>

JUNIOR, Antônio Manoel Elíbio. **Uma Heroína na História: representações sobre Anita Garibaldi**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2000. 143 p.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia de Gênero. In: LORDE, Audre; HOLLANDA, Heloisa Buarque (orgs.). Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

Nora, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/cultural no Brasil. Cadernos de CEOM – Ano 21, n.29 – Bens culturais e ambientais.

PRAUN, Andrea Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. Revista Húmus. Jan/Fev/Mar/Abr. 2011, nº1.

Prefeitura de Laguna. 200 Anos de Anita Garibaldi! Bicentenário é comemorado com colocação de placa e apresentação especial das Guardiãs de Anita. Disponível em: <https://laguna.sc.gov.br/noticia-693069/>

SILVEIRA, Fatiane Nogueira. Políticas Públicas e Comunitárias para a proteção e prevenção da violência doméstica em Jaguarão/ Brasil e Rio Branco Uruguai- Desafios e Perspectivas. UCPEL, Pelotas 2022, RS.

TROUILLOT, Michel Roph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história.** tradução de Sebastião Nascimento. – Curitiba: huya, 2016. 263p.

WOLFF, C. S.; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidades - Categorias do debate contemporâneo. Retratos da Escola, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 29–46, 2015. DOI: 10.22420/rde.v9i16.482 .Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482>. Acesso em: 4 dez. 2023.

WOLFF, Cristina Scheibe. Amazonas, soldadas, sertanejas, guerrilheiras. IN: PINSKY, Carla Bassanesi e PEDRO, Joana Maria. Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 2012, pp. 423-446. https://www.academia.edu/33836629/Em_armas_amazonas_soldadas_sertanejas_guerrilheiras_2012

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 54, p. 19–38, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200003>.